

## Brincar aos Peregrinos

— O Natal sem prendas não é a mesma coisa — resmungou Jo, estendida em cima do tapete.

— É tão aborrecido ser-se pobre! — suspirou Meg, baixando o olhar para o seu vestido gasto.

— Não me parece justo que umas raparigas tenham imensas coisas bonitas e outras não tenham nada de nada — acrescentou a pequena Amy, fungando com tristeza.

— Mas temos o pai e a mãe, e temo-nos umas às outras — disse alegremente Beth, do seu canto.

Os quatro rostos jovens iluminados pelo fogo da lareira animaram-se com essas palavras positivas, mas voltaram a entristecer-se quando Jo disse, num tom pesaroso:

— Não temos o pai e tão depressa não o iremos ter... — Não disse as palavras «e quem sabe nunca mais», mas cada uma das raparigas acrescentou-as mentalmente, pensando no pai tão longe, no sítio onde se travava a guerra.

Durante uns instantes ninguém falou e depois Meg disse, numa voz emocionada:

— Sabem que a razão por que a mãe sugeriu não recebermos presentes neste Natal é porque vai ser um inverno duro para todos. Ela é da opinião de que não devemos gastar dinheiro em coisas supérfluas, quando os nossos homens estão a sofrer tanto na guerra. Não podemos contribuir com grande coisa, mas podemos fazer pequenos sacrifícios, e devemos fazê-los de bom grado. Infelizmente, eu não sou capaz... — E Meg abanou a cabeça, pensando pesadamente em todas as coisas bonitas que desejava ter.

— Não me parece que o pouco que teríamos para gastar fosse servir de muito. Cada uma de nós tem um dólar e o exército não iria longe se lhe déssemos isso. Concordo que não devemos esperar nada da mãe nem umas das outras, mas tenciono comprar o *Ondina* e o *Sintram* para mim. Há *tanto* tempo que o quero fazer — retorquiu Jo, a amante de livros.

— Tencionava gastar o meu em música nova — disse Beth, com um ligeiro suspiro que ninguém ouviu, à exceção da vassoura da lareira e do suporte para a chaleira.

— Eu vou comprar uma bela caixa de lápis *Faber*; preciso mesmo deles — anunciou Amy, num tom decidido.

— A mãe não disse nada sobre o nosso dinheiro e decerto não há de querer que abduquemos de tudo. Vamos comprar o que queremos e divertir-nos um pouco. Parece-me que trabalhamos o suficiente para o merecermos — exclamou Jo, examinando os tacões das suas botas com uma expressão educada.

— Eu tenho a plena noção de que sim; passo quase o dia inteiro a ensinar aquelas crianças pavorosas, ansiosa para vir para casa divertir-me — afirmou Meg, novamente num tom queixoso.

— Não agentas nem metade do que eu aguento — respondeu-lhe Jo. — Gostavas de passar várias horas fechada com uma velhota nervosa e implicativa, que não te deixa parar nem um segundo, que nunca está satisfeita e te mói o juízo ao ponto de te apetercer atirares-te da janela ou dar-lhe um bofetão?

— É feio estarmos aqui a lamentar-nos, mas, para mim, lavar a louça e arrumar a casa é o pior trabalho do mundo. Irrita-me imenso; além de que fico com as mãos tão ásperas que depois não consigo tocar piano como deve ser. — E Beth fitou as suas mãos calejadas com um suspiro que toda a gente ouviu dessa vez.

— Duvido que qualquer uma de vocês sofra tanto como eu — lamentou-se Amy —, pois não têm de andar na escola com raparigas impertinentes que vos massacram quando não sabem a lição e se riem dos vossos vestidos, que põem um rótulo no vosso pai por ele não ser rico e vos insultam por o vosso nariz não ser bonito.

— Se queres dizer que o difamam, concordo contigo, mas não digas «rótulo» como se o pai fosse algum frasco de pickles — aconselhou-a Jo, rindo-se.

— Eu sei o que quero dizer, não precisas de ser «statírica». Devemos empregar palavras caras e melhorar o nosso «vucubulário» — replicou Amy, com dignidade.

— Não impliquem umas com as outras, meninas. Não gostavas que ainda tivéssemos o dinheiro que o paizinho perdeu quando éramos pequenas, Jo? Meu Deus, como seríamos felizes e boas pessoas se não tivéssemos preocupações — disse Meg, que ainda recordava melhores tempos.

— No outro dia disseste que achavas que éramos mais felizes do que os miúdos King, que andavam sempre a brigar e a lamentar-se, não obstante todo o dinheiro que têm.

— Pois disse, Beth. E parece-me que assim é, pois apesar de termos de trabalhar, sabemos divertir-nos e somos um bando muito bem-disposto, como diria a Jo.

— A Jo emprega palavras tão vulgares — observou Amy, olhando de modo reprovador para a figura comprida estendida em cima do tapete. Jo sentou-se de imediato, enfiou as mãos nos bolsos do avental e começou a assobiar.

— Não faças isso, Jo; pareces um rapaz.

— Por isso é que o faço.

— Detesto raparigas malcriadas e pouco femininas.

— E eu detesto fedelhas armadas em princesas.

— «Os passarinhos, nos seus pequenos ninhos, não discutem» — cantarolou Beth, a apaziguadora, com uma expressão tão engraçada no rosto que as duas vozes agudas acalmaram e desataram a rir, e as «bicadas» cessaram por momentos.

— Francamente, meninas, vocês são impressionantes — ralhou Meg, começando a dar-lhes um sermão típico de irmã mais velha.

— Já tens idade para deixares de ser uma maria-rapaz e melhorares o teu comportamento, Josephine. Quando eras mais pequena isso não tinha grande importância, mas agora que estás tão crescida, e já usas o cabelo apanhado, devias lembrar-te de que és uma senhorinha.

— Não sou nada! E se usar o cabelo apanhado faz de mim uma senhorinha, usarei as duas tranças até ter 20 anos — exclamou Jo, arrancando a rede do cabelo e deixando cair sobre os ombros a sua farta cabeleira castanha. — Nem quero imaginar que vou ter de crescer e passar a ser Miss March, usar vestidos compridos e ter o aspeto de uma flor de exposição. Já é mau suficiente ser rapariga, quando eu gosto é dos jogos, dos trabalhos e da maneira de ser dos rapazes. Não me conformo com o facto de não ter nascido rapaz, agora mais do que nunca, pois estou ansiosa para ir combater com o paizinho e sou obrigada a ficar em casa e a tricotar como se fosse uma velha pregui-

cosa. — E Jo sacudiu a meia azul grossa até as agulhas chocalharem como castanholas e o novelo de lã cair e saltitar pelo chão.

— Pobre Jo, que chatice! Mas não há volta a dar-lhe, por isso devias tentar contentar-te com esse teu diminutivo arrapazado e com o fingires que és o nosso irmão — respondeu-lhe Beth, afagando a cabeça desgrenhada encostada ao seu joelho, com uma mão cujo toque todas as lavagens de louça e limpezas do pó do mundo jamais conseguiriam tornar indelicado.

— Quanto a ti, Amy — continuou Meg —, és realmente demasiado comichosa e afetada. Os teus modos são engraçados agora, mas se não tiveres cuidado, quando fores crescida serás uma palerma emproada. Gosto que tenhas bons modos e uma maneira requintada de falar, quando não estás a tentar ser elegante, mas as palavras absurdas que empregas são tão más como o calão da Jo.

— Se a Jo é uma maria-rapaz e a Amy é uma palerma, dizes-me então o que é que eu sou, por favor? — perguntou-lhe Beth, pronta para ser incluída no sermão.

— Tu és uma querida e nada mais — replicou Meg num tom carinhoso. E ninguém a contradisse pois o «Ratinho» era a favorita da família.

Uma vez que os jovens leitores gostam de conhecer «o aspeto físico das pessoas», vamos aproveitar este momento para fazer uma pequena descrição das quatro irmãs, que se encontravam sentadas a tricotar ao lusco-fusco, enquanto a neve de dezembro caía silenciosamente lá fora e a lareira crepitava alegremente no interior da casa. Tratava-se de uma divisão antiga e confortável, apesar de o tapete estar gasto e a mobília ser muito simples, pois havia um ou dois quadros pendurados nas paredes, livros enchiam os nichos, crisântemos e heléboros negros desabrochavam no parapeito das janelas e reinava o ambiente agradável da tranquilidade doméstica.

Margaret, a mais velha das quatro, tinha 16 anos e era muito bonita, roliça e de tez clara, com os olhos grandes, uma farta cabeleira castanha e macia, uma boca meiga e as mãos brancas, das quais ela muito se orgulhava. Jo, com 15 anos, era muito alta, magra e morena, e fazia lembrar um potro, pois aparentava nunca saber o que fazer com os seus membros tão compridos, que a atrapalhavam imenso. Tinha uma boca decidida, um nariz cómico e uns olhos cinzentos penetrantes, que pareciam tudo ver e que tanto eram profundos como também divertidos e pensativos. O cabelo comprido e grosso era a

sua única beleza, mas usava-o embrulhado dentro de uma rede para que não a incomodasse. Jo tinha os ombros arredondados, as mãos e os pés grandes, a roupa descuidada e o ar constrangido de uma rapariga que estava a transformar-se rapidamente numa mulher, contra a sua própria vontade. Elizabeth — ou Beth, como toda a gente a tratava — era uma rapariga de 13 anos, com a tez rosada, o cabelo macio e os olhos brilhantes, com uns modos acanhados, uma voz tímida e uma expressão serena que raramente se deixava perturbar. O pai chamava-lhe a sua «Pequena Tranquilidade» e a alcunha assentava-lhe na perfeição, pois parecia viver num mundo feliz só dela, somente se ausentando dele para ir ao encontro dos poucos em quem confiava e a quem amava. Amy, apesar de ser a mais nova, era uma pessoa muito importante, pelo menos na sua própria opinião. Era uma autêntica Donzela da Neve, com os olhos azuis e o cabelo louro encaracolado que lhe dava pelos ombros; era pálida e magra, sempre com o porte de uma jovem senhora consciente dos seus modos. Quanto às personalidades das quatro irmãs, deixaremos isso para ser descoberto pelo leitor.

O relógio deu as 18h00 e, tendo já varrido a lareira, Beth pousou um par de pantufas para aquecer em frente à mesma. Por alguma razão a imagem desse calçado gasto tinha um efeito positivo sobre as raparigas, pois a mãe estava para chegar e todas se alegraram para a receber. Meg deu por terminado o seu sermão e acendeu o candeeiro, Amy levantou-se da poltrona sem que ninguém lho pedisse e Jo esqueceu o cansaço que sentia, levantando-se para aproximar mais as pantufas do calor.

— Já estão tão gastas; a mãezinha precisa de umas novas.

— Pensei em comprar-lhe umas com o meu dólar — disse Beth.

— Não, eu é que as vou comprar! — exclamou Amy.

— Eu sou a mais velha — começou por dizer Meg, mas Jo interrompeu-a com um decidido:

— O homem da casa sou eu, agora que o paizinho não está, portanto, serei eu a comprar as pantufas, uma vez que me pediu para cuidar bem da mãe na sua ausência.

— Já sei o que vamos fazer — disse Beth. — Cada uma de nós compra-lhe uma prenda de Natal, em vez de comprarmos coisas para nós próprias.

— Excelente ideia a tua, querida! O que haveremos de comprar?

— exclamou Jo.